

ACADEMIA Estudos dos pesquisadores dos EUA analisam por método estatístico como acontecem as escolhas dos indivíduos

Nobel de Economia premia 2 americanos

DAS AGÊNCIAS INTERNACIONAIS

Dois professores norte-americanos que desenvolveram métodos estatísticos para analisar e rastrear a tendência das decisões individuais ganharam o Prêmio Nobel de Economia deste ano.

Os economistas James Heckman — da Universidade de Chicago — e Daniel McFadden — da Universidade da Califórnia — foram os vencedores, segundo informou ontem a Academia Real de Ciências da Suécia.

Os dois estudam a tomada de decisões — uma ampla gama de escolhas que é feita pelos indivíduos, como a profissão pela qual optam, onde escolhem morar, quantas crianças desejam ter e outras coisas semelhantes.

O tema "da tomada de decisões", tradicionalmente usado em estudos de sociologia e ciência política, ganhou método de análise estatística e nova roupagem com os professores.

Multidisciplina

A Academia premiou McFadden e Heckman por seus trabalhos relevantes de pesquisa em microeconomia — uma disciplina que está na fronteira entre o campo de atuação da matemática e da economia.

Os pesquisadores analisaram dados econômicos extraídos a partir do cruzamento de informações sobre pessoas e grupos, os quais permitiram "desenhar" como cada grupo responde a determinados estímulos e como a tomada de decisão se orienta.

Novos métodos

A grande contribuição dos dois pesquisadores foi lapidar uma forma de trabalhar com os dados obtidos, com um método estatístico de vanguarda e mais imparcial do que os que existiam anteriormente.

Os estudos deverão ser usados

para desenvolver pesquisas em outras áreas de conhecimento, além da economia.

"O trabalho é a base para a identificar como as pessoas analisam qualquer coisa que afeta a escolha", disse Richard Layard, professor de economia da London School of Economics, um especialista em mercado de trabalho. "Isso nos ajuda a pesquisar por que você decide fazer alguma coisa ou não."

Mercado de trabalho

Heckman é conhecido por levar em conta as circunstâncias para avaliar as decisões que as pessoas tomam em questões como a escolha de profissão ou o potencial de salário.

Na opinião de parte dos acadêmicos (aqueles que preferem não usar métodos quantitativos), o estudo de dados frequentemente caía para a parcialidade.

Com o trabalho dos pesquisadores, a noção pode ser alterada, a partir do momento em que o método — apresentado por Heckman como o de amostras seletivas — pode dar maior confiabilidade ao estudo.

"É um dos grandes avanços na econometria", observou Richard Rundell, professor da University College, de Londres.

McFadden é mais conhecido pelos estudos de como acontecem as escolhas que as pessoas fazem em temas como transporte público e carreira profissional, disse Rundell. Os prêmios são concedidos em homenagem a Alfred Nobel, inventor da dinamite, em categorias medicina ou fisiologia, física, química, literatura, paz e ciências econômicas.

O prêmio será uma medalha de ouro com a imagem de Alfred Nobel e um diploma, além de uma quantia em dinheiro de 9 milhões de coroas suecas (cerca de US\$ 910 mil), que será dividida pelos dois.



James Heckman, vencedor do Nobel de Economia, come sanduíche no Rio; no destaque, Daniel McFadden, também vencedor

Menos regras no trabalho elevam renda, diz premiado

Sindicalistas fazem críticas a economista

MAFALDA AVELAR
DA REPORTAGEM LOCAL

O prêmio Nobel de Economia deste ano, o economista James Heckman, da Universidade de Chicago, foi criticado por sindicalistas.

Para João Felício, presidente da CUT (Central Única dos Trabalhadores), o discurso do Nobel não condiz com a realidade brasileira.

Indignado, Ricardo Patah, vice-presidente do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, classificou de "brutal" a conclusão do economista e disse que sem sindicatos "voltamos à escravidão".

Heckman, que é especialista em economia do trabalho, afirmou no Rio, onde se encontrava participando de um seminário sobre pobreza e desigualdade, que sua principal bandeira é a desregulamentação do mercado de trabalho.

Segundo Heckman, quanto menos regulamentação, melhor. Regulamentação implica menos emprego e só pode ser aceita em relação à segurança no trabalho. O economista disse ainda que o problema dos sindicatos é que só defendem as categorias que estão atreladas a eles.

Segundo Felício, a linha de pensamento de Heckman é completamente neoliberal e só demonstra que o economista não sabe o que se passa em países do Terceiro Mundo. "Ele não pode estar falando do mercado de trabalho brasileiro."

DA SUCURSAL DO RIO

O economista norte-americano James Heckman recebeu a notícia de que foi um dos ganhadores do Prêmio Nobel de Economia no Rio, onde defendeu a desregulamentação do mercado de trabalho. Segundo ele, essa é a solução para aumentar a renda da população e a receita do setor público e reduzir a informalidade nos países pobres como o Brasil.

Especialista na criação e aplicação de métodos econométricos para a solução de problemas sociais, especialmente na área do trabalho, Heckman participou ontem de um seminário sobre pobreza e desigualdade na sede da FGV (Fundação Getúlio Vargas). "Pensei que fosse brincadeira", disse, ao comentar o momento em que recebeu a notícia.

Heckman soube da premiação às 7h30, no hotel Sheraton, na zona sul carioca. Segundo ele, antes de receber a informação oficial da

Academia Sueca de Ciências, sua mulher já havia ligado de Chicago (EUA), onde ele nasceu, mora e leciona, na Universidade de Chicago, para dizer que "alguém da Academia Sueca" ligara para ele, mas não deixara recado.

Entre muito e nada, nada

Sem tempo para comemorar, Heckman foi fazer sua palestra e dar entrevista na FGV. Só comeu (um misto quente, já frio) às 16h. Disse que não é especialista em Brasil, conhecendo melhor, em termos econômicos, a Argentina e o Peru, mas defendeu a desregulamentação do trabalho na América Latina como um todo.

Para ele, a regulamentação deve ser restrita a alguns aspectos, como a segurança no trabalho. "Mas entre haver excesso de regulamentação e absolutamente nenhuma, acho melhor que não haja nada", ressaltou.

Heckman disse que o excesso de regulamentação é o responsável

pelo elevado índice de informalidade no mercado de trabalho latino-americano.

O premiado defendeu também a abertura econômica trazida pela globalização, afirmando ter estudado a experiência argentina. "É necessário uma fase de transição. Inicialmente, há efeitos negativos, como o aumento do desemprego, mas posteriormente ela (a abertura) acaba melhorando a situação geral dos países", afirmou.

Para ele, a adaptação do país aos efeitos da abertura deve distinguir entre jovens e pessoas mais idosas. Para os jovens, esforço de reciclagem profissional; para as pessoas próximas aos 50 anos, subsídios às empresas para mantê-las no emprego.

Como pagar o subsídio? Com o aumento da renda do setor público, que virá com a maior arrecadação de impostos trazida pela redução da informalidade e pelo aumento da renda das pessoas em decorrência da desregulamenta-

ção do mercado de trabalho.

Heckman já esteve "seis ou sete vezes" no Rio e disse ter gostado de receber a notícia do prêmio na cidade. "Gosto do Rio, onde a paisagem é muito mais interessante do que onde eu moro", disse, e acrescentou: "Mas me preocupa a desigualdade que vejo aqui".

Ele também fez elogios. Disse que o Brasil vem melhorando muito nos últimos anos em termos de educação básica, que ele considera um dos pilares no esforço para tirar o país do subdesenvolvimento.

Disse que no Brasil há também economistas de nome internacional, citando três, todos das áreas social e econômica: Ricardo Paes de Barros, do Ipea (Instituto de Economia Aplicada), José Sheikman (professor da Universidade de Princeton, EUA, onde Heckman estudou) e Aloísio Araújo, da FGV, seu amigo e colega no Rio, ex-professor da Universidade de Chicago (77/80).